

MANUAIS de CULTURA MORAL

COLEÇÃO INAYAT KHAN

VII

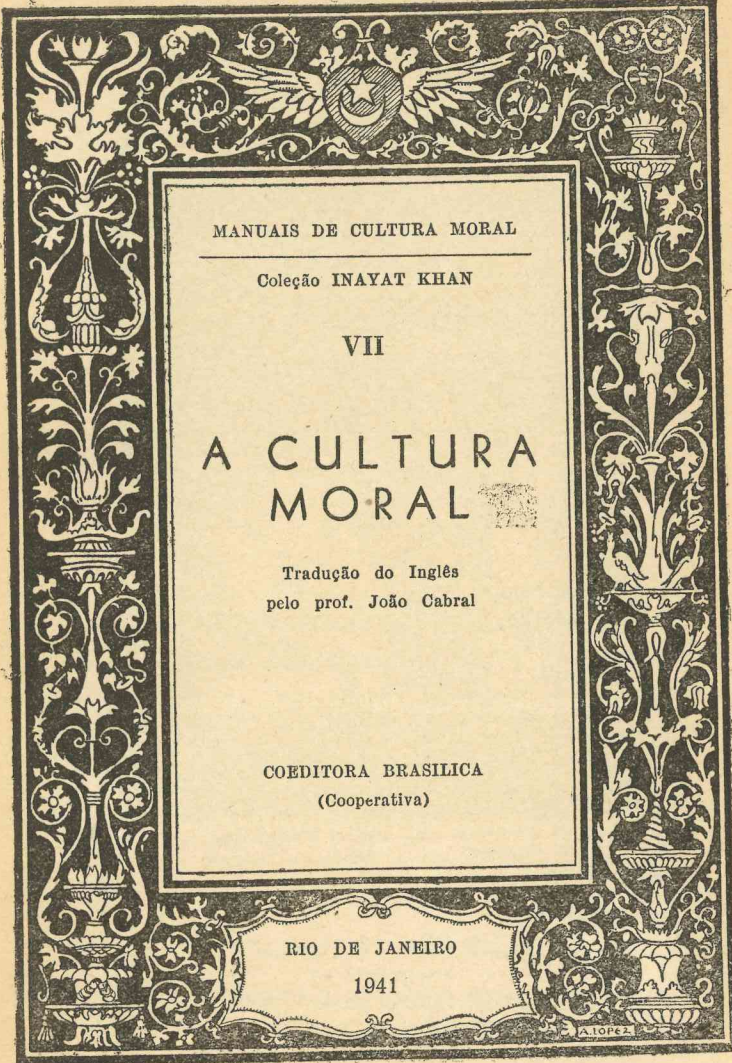
A CULTURA
MORAL

TRADUÇÃO DO INGLÊS
PELO
PROF. JOÃO CABRAL

RIO DE JANEIRO
1941



A Cultura Moral



MANUAIS DE CULTURA MORAL

Coleção INAYAT KHAN

VII

A CULTURA
MORAL

Tradução do Inglês
pelo prof. João Cabral

COEDITORIA BRASÍLICA
(Cooperativa)

RIO DE JANEIRO

1941

OBRAS DA MESMA COLEÇÃO
E DO MESMO AUTOR

VOLUMES JÁ PUBLICADOS:

- I — Formação do Caráter
- II — O Objectivo da Vida
- III — A Saúde e sua Conservação
- IV — A Molestia, suas Causas e sua Cura
- V — A Educação — 1.^a parte: A Educação da Criança.
- VI — A Educação — 2.^a parte: A Educação da Juventude

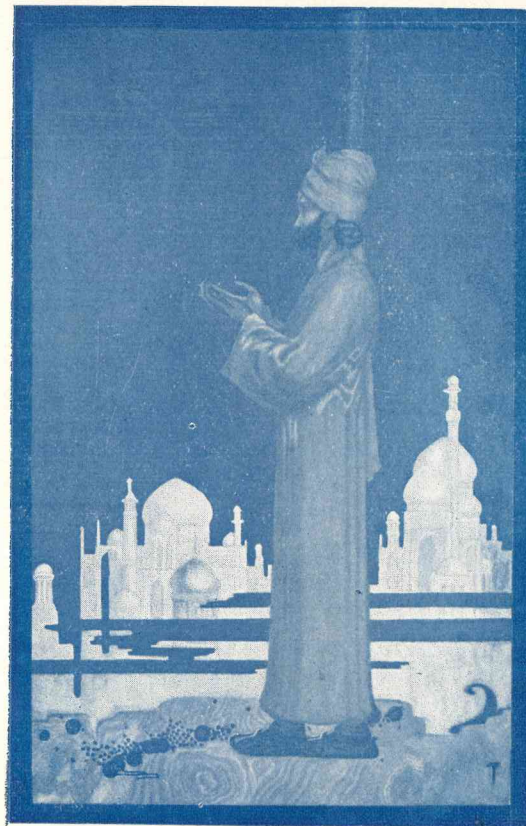
A SEGUIR:

- VII — A Cultura Moral
- VIII — O Mundo do Espirito
- IX — A Vida Interior
- X — As Artes
- XI — A Linguagem Cósmica
- XII — O Misticismo do Som
- XIII — A Filosofia
- XIV — A Alma, de onde vem e para onde vae
- XV — O Caminho da Iluminação
- XVI — O Jardim das Rosas
- XVII — A Unidade das Idéias Religiosas
- XVIII — O Valdan, ou A Sinfonia Divina
- XIX — O Gayan, ou a Música do Silêncio.

Pedidos à

COEDITORA BRASÍLICA
(cooperativa)

RUA DO SENADO, 65 — TEL. 32-3112
Rio de Janeiro



M. H. Thurburn.

حنایت خان

INAYAT KHAN

*Segundo uma pintura contemporânea, por um
dos seus discípulos*

ÍNDICE

Prefácio da Edição Brasileira	7
-------------------------------------	---

CAPÍTULO I

Da lei da reciprocidade

I — Da Reciprocidade	13
II — Do nosso proceder para com os nossos amigos	16
III — Do nosso proceder para com os nossos inimigos	19
IV — Das distinções de graus	23
V — Do nosso proceder para com Deus	26
VI — De como admitir a conduta dos outros para conosco	29
VII — De como admitir a conduta dos nossos amigos para conosco	32
VIII — De como admitir a conduta dos nossos inimigos	35
IX — De como admitir a conduta dos outros de acordo com o nosso grau	39
X — Da conduta de Deus para conosco	42

CAPÍTULO II

Da lei da beneficência

I — Do nosso proceder para com os nossos amigos	45
---	----

VI

II — Do nosso proceder para com os nossos parentes	49
III — Do nosso proceder para com os nossos empregados	53
IV — Do nosso proceder para com nossos chefes	56
V — Do nosso proceder para com os nossos conhecidos	58
VI — Do nosso proceder para com os nossos vizinhos	61
VII — Do nosso proceder para com os nossos camaradas	66
VIII — Do nosso proceder para com os malfeitos	68
IX — Do nosso proceder para com os inimigos .	72
X — Do nosso proceder para com Deus	76

CAPÍTULO III

Da lei da renúncia

I — Da vida com Deus	79
II — Da renúncia	84
III — Da renúncia (continuação)	86
IV — Da avidez e da generosidade	88
V — Da necessidade da renúncia na vida . . .	91
VI — Da relatividade do ganho	94
VII — Da renúncia e da perda	96
VIII — Da aprendizagem da renúncia	99
IX — Da natureza da renúncia	102
X — Da vitória final	105

PREFACIO DA EDIÇÃO BRASILEIRA

No correr desta crise mundial, o pensamento dominante, que tem irresistivelmente ocorrido às pessoas bem dotadas de inteligência, tem sido "porque haverá guerra de agressão entre velhas nações estabelecidas com séculos de cultura e civilização atrás de si?"

Uma resposta óbvia é "porque a característica básica da raça humana é desejo e interesse próprio em cada aspecto da vida. Admite-se que os desejos devem ser satisfeitos afim de que o individuo possa viver uma vida plena de sucesso. Certamente o desejo é uma necessidade interior que estimula o progresso do individuo, da nação e do mundo. O desejo de alimento deve ser satisfeito afim de que se possa manter a saude do corpo. Os desejos de amizade, contacto social e casamento sustentam as emoções, e numa escala mais alta o desejo mental de ambição aos cargos e à prosperidade im-

pele os homens a grandes empreendimentos e realizações, para o seu próprio benefício e para o progresso do mundo.

Essas três fases da manifestação do desejo são indubitavelmente essenciais à vida humana, mas quando são eles as avenidas únicas da expressão de si mesmo, então o povo tende a tornar-se materialista, egoísta e indiferente à pobreza e ao sofrimento dos outros. Assim, têm surgido a competição e o conflito sem piedade, e conducentes inevitavelmente a guerras pavorosas, com os concomitantes saque, massacre e escravização das massas.

Um breve mas atento exame da história revela este fato relevante, que tais ciclos periódicos de inquietação mundial e de guerra internacional têm sido invariavelmente acompanhados da ruína dos princípios morais, religiosos e espirituais. Os líderes de povos agressivos têm adotado regras de conduta egoística, endurecidas e cruéis, privadas de sentimentos morais e de princípios éticos, afim de imbuir seu povo de um desejo apaixonado de procurar riqueza e poder, facilmente ganhos pelo exercício da força bruta. Mas cada um e a totalidade de tais povos belicosos têm sido iludidos por tais desejos especiosos, e têm falhado na reali-

zação de suas perversas ambições com um benefício qualquer duradouro.

Fora da expressão normal dos desejos humanos, que é que está então na raiz de toda esta labuta e tortura da raça humana? Não há graus mais altos de desejos compreendendo a verdadeira cultura e civilização? e ainda suprindo o homem de tudo que ele necessita, de maiores facilidades e satisfação? Certamente. Mas a tragédia tem sido causada pela falta de elevados idéias e nobres princípios, com a ausência de pensamento moral e sentimento religioso. Este deplorável declínio no padrão da conduta equitável deve-se primariamente à inteligência superficial empregando a ilusão da sofistaria e falsos argumentos, convidando a natureza do homem ao mais baixo desejo. Assim, o verdadeiro objetivo da vida humana se tem obscurecido, as faculdades do homem se têm degradado para o simples terreno das ambições materiais em procura do poder e do gozo, à custa e pelo trabalho dos outros.

Tal política, porém, se tem baseado no grave erro de ignorar-se a lei karmica "da maneira que semeardes, assim colhereis".

A lei de causa e efeito é irrevogável, e nem o homem nem a nação pode fugir a ela, por-

que é uma Lei Divina de progresso e equidade, sobre a qual se basêa todo o Plano Criador do Universo.

Os altos idéiâis revelam as ilimitadas possibilidades das realizações humanas, e o suberbo destino da vida humana, aqui e no alem. Ademais, em vez de permitirem que o materialístico egotismo degrade o homem até o nível dos animais inteligentes, os princípios mais altos o elevam ao estado e felicidade do anjo.

O Senhor Krishna, o Grande Avatar da Índia, disse ao seu discípulo Arjuna: o mal deve ser combatido e vencido, porque impede o cumprimento do objetivo Divino da vida humana, e causa infelicidade a toda gente. São loucas e de curta visão as ações egoísticas e más, e nunca se justificam por seus resultados; sempre custam mais do que rendem. Por terem compreensão limitada, é que as pessoas incultas imaginam poder resultar algum beneficio permanente das suas injustas e egoísticas ações.

A mais efetiva reação contra o egoismo cruel e maligno é a educação acertada e o treino moral de elevados princípios, que seguramente nos inculcam o espírito de Christo, de "fazermos aos outros aquilo que desejamos nos façam".

O exercício de um mais alto padrão de princípios morais, tendo-se mais consideração pelos sentimentos, bem-estar e felicidade das outras pessoas, creará paz, boa vontade e felicidade, e provará o axioma de que a bondade e a gentileza são mais proveitosas, e o de que isso compensa a mostra de cortezia e simpatia, elas por elas. Na expressão de Shakespeare, "a clemência e a generosidade emanam do Céu, e abençoam tanto aqueles que dela usam como os que a recebem".

Quando um homem começa seus negócios diários com o pensamento de que deve lutar por fazer dinheiro, automaticamente se envolve numa atmosfera de inimizade a todo mundo. Essa atitude gera também animosidade contra ele, e assim acha ele que tem 99 inimigos em cada centena de pessoas que encontra. Quando, porém, começa o dia com o pensamento de que o mundo é um lugar maravilhoso para nele viver-se, e de que todos têm natureza boa que responde à gentileza e à boa vontade, então acha ele que tem 99 amigos em cada centena de pessoas.

Isto mostra a diferença entre a velha forma de "competição desalmada" e o novo ideal

de cooperação que os líderes da Nova Era estão promulgando.

Inayat Khan é certamente um idealista excepcional explicando a mais alta moral e os mais altos princípios espirituais; e neste livro deu ele em síntese uma série notabilíssima de sábios conselhos, guiando-nos, mostrando-nos como se estabelece e mantém da melhor forma nossas relações com as outras pessoas em cada trilha das atividades da vida. Mostrando aos outros, maneiras gentis e graciosas, conferir-lhes-emos benefícios de harmonia e felicidade, e simultaneamente asseguraremos para nós mesmos a inestimável reação de paz, satisfação própria e avanço espiritual.

O Autor expressou o seu conselho em três largos capítulos: — as Leis da Reciprocidade, da Beneficência, e da Renúncia, as quais nos conduzem à vitória final das grandes realizações da Vida.

Este livro está, pois, destinado a tornar-se Clássico entre os do seu gênero.

Rio, 28 de Agosto de 1941.

SHABAZ.

CAPITULO I

DA LEI DA RECIPROCIDADE

I

Da Reciprocidade

Ao tratarmos com alguém, devemos, em primeiro lugar, considerar em que relação estamos para com essa pessoa e, depois, considerar de que maneira gostaríamos de ser tratados por alguém que estivesse para conosco na mesma relação em que nos encontramos para com a pessoa com quem estamos tratando. Em todas as benignas ações, devemos fazer mais do que esperamos outrem faria por nós; e nas ações desfavoráveis devemos fazer menos do que esperaríamos da parte de outrem.

É dever precípua, que havemos de ter bem vivo na mente, — considerarmos em que posição nos encontramos a respeito dos nossos parentes, vizinhos e compatriotas, do povo da nossa pátria e da nossa raça, e da humanidade em geral. Por exemplo, as atenções demonstradas para com o vizinho, e negligenciadas para com os parentes mais próximos; a simpatia demonstrada a um estrangeiro, enquanto sentimos desprezo para com os da própria nação, — essas condutas, embora desprovidas de egoísmo e inspiradas no mais largo pensamento, são indesejáveis. É o mesmo que tentar esboçar uma face humana, sem ter aprendido antes a desenhar uma reta ou uma paralela.

“A caridade principia com os de casa”. Devemos primeiramente demonstrar a nossa simpatia para aqueles que estão intimamente ligados conosco, pois temos o dever de velar por eles e pelo seu bem estar. Entretanto, em vez de irmos alargando as nossas simpatias, nos restringimos ao nos-

so estreito círculo. E corremos, por conseguinte, o risco de jamais progredir na vida, ou de nunca avançar para a mais alta perfeição humana. Esta é a única desvantagem da civilização moderna, que se limita ao pensamento de nacionalismo, e disso não passa. Apesar de tudo, é melhor isto do que as idéias largas de que falamos acima que nos levam às atenções para com os estranhos, e a negligenciarmos e mesmo contrariarmos os mais ligados a nós.

O melhor caminho seria ampliarmos gradualmente nossas simpatias levando em consideração nosso dever e nossas relações para com os outros, gradualmente os expandindo a partir daqueles que estão mais chegados a nós, para os que se encontram mais distantes. Um sentimento de generosidade e de bôa vontade deveria andar de mãos dadas com o dever; si tal não acontecer, ganharemos maldições em vez de bençãos.

II

Do nosso Proceder para com os nossos Amigos

Do ponto de vista da amizade, devemos tomar por norma que um amigo inferior em posição social, ou mais pobre do que nós, não deve em ocasião alguma ser tratado como tal. Desde que é um amigo, seja qual fôr a sua condição, ou a posição que ocupe, é mister considerá-lo como nosso igual; e o mesmo espírito de igualdade deverá persistir na mente quando tratamos com um amigo, por mais alta que seja a sua situação. As convenções não devem ir além do necessário para a sua evolução. Deve sempre ser evitado o traço diferencial quando tratarmos com um amigo. Entre verdadeiros amigos não há segredos.

O uso da amizade para fins egoísticos é como a mistura de veneno com xarope doce de rosas; devemos estar prontos, sem a menor exitação, para servirmos atentamente um amigo em tudo que fôr possível, sem esperarmos, um momento sequer, nenhum agradecimento, ou retribuição, da parte dele.

Um amigo, no sentido verdadeiro da palavra, está mais próximo e ligado a nós do que a nossa própria família, os nossos parentes, vizinhos, nação e raça. O segredo de um amigo deve ser guardado como nosso próprio segredo; a falta de um amigo deve ser ocultada como se oculta uma própria falta; a honra de um amigo deve ser defendida como nosso própria honra; um inimigo de um amigo deve ser olhado como nosso inimigo, e um amigo de um amigo deve ser considerado nosso amigo. Não nos devemos vangloriar da amizade, mas praticá-la, pois muitas vezes os que se gabam de bons amigos, amigos não são. Ao amigo na desgraça, deve ser dado consolo.

Na pobreza do amigo é preciso amparo; às suas fraquezas devemos fechar os olhos; nos seus embaraços, ajuda e nas suas alegrias é justo o regosijo.

Mostrar-se hoje amigo e amanhã inimigo não pode, nem por um instante, chamar-se amizade; pois o valor da amizade está na constância. Resignação, paciência e tolerância são as únicas condições que unidas conservam dois corações individuais. Há no Indostão um adágio de Summan sobre a amizade: "Seja para o amigo, em seus momentos de necessidade, como o caniço na barranca do rio". Quando o homem está se afogando, e a ele se agarra, ele o salvará, si fôr resistente; e si não o fôr, aforgar-se-á com ele.

III

Do nosso Proceder para com os nossos inimigos

Mais delicadamente do que nosso procedimento para com um amigo deveria ser considerada nossa conduta para com o nosso inimigo. Geralmente se descura o homem desta norma; trata de qualquer maneira um inimigo, e cerca de atenções um amigo. Às vezes, insultamos nosso inimigo, pervertendo com isso nosso próprio hábito, e fazendo o inimigo ainda mais insultante. Às vezes, prestando atenção constantemente às faltas do inimigo, uma pessoa imprime na própria alma os mesmos defeitos, e focaliza os mesmos defeitos na alma do inimigo; si ele carecer de tais defeitos, os mesmos poderão, refletindo-se, nele desenvol-

ver-se, tornando-o um inimigo ainda mais rancoroso.

É imprudência subestimar o rancor e o poder do inimigo, de nos fazer mal, como também julgá-los maiores do que na realidade o são. Em muitos casos, o homem, cégo pelo seu "ego", deixa de avaliar o poder do inimigo, dizendo: "Que poderá ele fazer? Que posso temer?", dando lugar a um impulso, quando a isso levado pelo inimigo. É isto uma derrota, pois a vitória é manter-se respluto e calmo deante das circunstâncias. Lamentar-se acerca de um mal causado pelo inimigo é uma fraqueza; evitá-lo com precauções, encará-lo com fôrça e avaliá-lo com energia é o que vale a pena fazer. É prudente aproveitar-se da crítica feita por um inimigo poisque isso pode nos ajudar a corrigir-nos, e é loucura desprezá-la com escárneo, considerando-nos demasiado bons para ser como nos pinta o inimigo.

Em caso de vingança, a norma "olho por olho e dente por dente" é justa quando

se está seguro de que a bondade e o perdão não têm poder algum sobre o duro coração do inimigo, mas, ao contrário, fá-lo-á pior. Desde, porém, que haja uma chance de afrontar a vingança do inimigo com a bondade, a lei acima não deve ser praticada. É melhor suprimir o inimigo antes que ele se possa levantar contra nós; e é justo derubá-lo quando contra nós se levantar.

É prudente vigiar os movimentos do inimigo e salvaguardar-se deles; é loucura consentir-se em ser vigiado e deixar que o inimigo se precavenha contra nós. É direito diminuir o poder do inimigo de toda maneira possível, e aumentar o nosso próprio poder, e fazê-lo muito maior do que o do nosso inimigo. É acertado conhecer o segredo do inimigo, e mais do que acertado ocultar dele o nosso segredo. Devemos tomar precaução para que ninguem se faça nosso inimigo; e, especialmente, devemos ter cuidado para que um amigo não se torne um inimigo. É acertado, por todos os meios, perdôar ao inimigo e esquecer a sua inimi-

zade si ele ardentemente assim o desejar; e dar o primeiro passo para fazer amizade, em vez de evitá-lo, e conservar ainda na mente o veneno do passado, o que será tão ruim quanto reter no sistema uma velha doença.

IV

Das Distinções hierárquicas

Notam-se duas inclinações operando através de indivíduos diferentes: a) a de reconhecer os graus das pessoas; b) a de não os reconhecer. Pode ser notada a primeira quando a pessoa diz: "Este é meu chefe, aquele, meu professor, esta é minha mãe e aquele o tio materno de meu pai", — devo, portanto, consideração a ele, ou a ela". A outra inclinação aparece quando alguém diz: "Que me importa que ele seja meu chefe? — Não me importa que ele seja mais velho do que eu. — Não me importa que ela seja minha tia. — Que me importa que ele seja o avô de minha mãe?" Vemos gentileza num e coragem no outro, e damos preferência ao que se conforma com a nos-

sa natureza. Si corajosos somos, agradamos o espírito de independência; e si somos gentis, preferimos a gentileza.

Um Sufi não acredita em tendências unilaterais. Ele diz que precisamos de coragem e necessitamos de gentileza; ambas se requerem nas ocasiões adequadas. Surge agora a questão de como devemos agir: quando mostraremos coragem, e quando usaremos de gentileza. Deve-se mostrar coragem quando somos forçados pelas circunstâncias, por uma situação, a estar em subordinação; aí a coragem é precisa para nos libertarmos e sermos independentes. Todavia, não é uma coisa simples o uso de coragem. Um fósforo não pode permanecer aceso contra o vento; para manter acesa contra o vento, deveis ter uma tocha. Portanto, corajosos loucos são aqueles que se rebelam contra suas condições de vida e caem por falta de bastante coragem, adicionada a energia e força. Para eles, é necessária paciência e perseverança gradativa, unidas a coragem e pensamento,

Quando, porém, somos vencidos moralmente pela bondade e pelo amor de alguém, tal como os carinhos de mãe, a proteção de um pai, o conselho de um amigo mais velho, a simpatia de um vizinho, por alguém que nos mostre o bom caminho na vida, por alguém que tenha guiado a humanidade para a luz, — considerar sua grandeza, reverenciá-los, respeitá-los e obedecer a eles nunca pode ser subordinação, mas apenas, de nossa parte, generosidade.

Em tudo isto, porém, não devemos usar as mesmas palavras, ou tudo tratar de maneira idêntica. Diz o Alcorão: “Temos criado entre anjos e homens indivíduos de todos os graus”. Desta maneira, devemos distinguir até que ponto se deve mostrar gentileza para com as pessoas de mérito.

V

Do nosso Proceder para com Deus

Para o Sufi, Deus não somente é um Rei do Céu, ou um ideal de adoração, mas também um Amigo, um Bem-amado, mais próximo e mais caro do que outro qualquer no mundo; e o nosso procedimento para com Ele deve ser como o procedimento de uma fervoroso amante para com a sua amada. Nos momentos de adoração devemos adorá-lo como o soldado faz continência ao rei, segundo é seu dever; mas nos momentos de comunhão, devemos comungar com Ele como o amante comunga com a sua amada.

Todas as coisas que fazemos, si forem puras, idéias e satisfatórias para os outros,

devemos atribui-las a Deus; e por tudo que fazemos, não sendo nosso idéial, nem satisfatório para os outros, devemos censurar-nos a nós mesmos. Porque tudo que vem da perfeição é idéial e satisfatório, portanto a Ele cabe o respectivo louvor, que só Ele é digno de louvor; aquilo que não é idéial e satisfatório vem da imperfeição, que o nosso imperfeito ser representa. Cada bôa ação que fazemos aos outros, fazemo-la a Deus, daí não haver nenhum constrangimento. Pois que, si o fazemos a uma pessoa que amamos, ou na qual confiamos, e que, depois de algum tempo, se mostre indigna de nosso amor, e desmereça a nossa confiança, ficamos desapontados e sem ânimo para fazermos o bem a outrem, ou para noutro confiarmos.

Devemos diariamente prestar contas a Deus, nosso Divino Idéial, deante d'Ele expôr nossas fraquezas, humildemente arrependidos, sem nos esquecermos um só dia, e pedir-lhe auxílio, a Ele Que é Todo Poderoso, para que nos dê fôrça e coragem,

afim de que melhor possamos fazer amanhã. Jamais devemos nos orgulhar das nossas boas ações, pois que a Sua bondade é maior do que o maior bem que jamais poderíamos fazer. Isso produz em nós a falsa vaidade, o único véu que separa Deus da nossa vista. Devemos desta maneira começar a sentir a Sua presença; e seguramente, depois de algum tempo, diante dos nossos olhos, Ele se tornará uma Entidade viva, e tudo parecerá morto exceto Ele somente, o Ser vivo. Alcançado este plano, então começa a divina comunhão.

VI

*De como admitir a conduta dos outros
para conosco*

Pelo estudo constante da vida, chega o Sufi à convicção de que o gênese humano, pretendendo ser o mais justo de toda a criação, se demonstra, afinal, o mais injusto. Geralmente, quando julga os outros, o homem é justo, mas não o é quando julga a si mesmo, embora não tenha disso consciência. A isso chama ele também justiça. A lição, portanto, que o Sufi aprende na lei da reciprocidade, é considerar coisa natural a injustiça praticada pelos outros; mas procura, sempre que trata com outrem, ser tão justo quanto possível. Tolera a injustiça dos outros, tanto quanto lhe permite o seu

grau de perfeição; mas, ao perceber que mais do que isso é intolerável, ele se opõe à injustiça, quer por meio da explicação, quer por meio da persuasão, e mesmo por meio da ameaça. Todavia, a tolerância com que encara a injustiça dos outros diz respeito somente aos mesmos; quando vem da sua própria conduta para com os outros, não deve ele tolerar a mais leve injustiça de sua parte. O sentimento de justiça não é o mesmo em todos os indivíduos; varia de acôrdo com a evolução e idéial de cada um.

O tratamento benévolo dos outros deve ser benevolmente recebido por nós; mas o tratamento grosseiro dos outros devemos recebê-lo risonhamente, lamentando em mente que eles não tenham evolvido bastante, a ponto de poderem ser gentis no seu trato. Quando fizermos um favor a outrem, a primeira coisa que deve ser levada em consideração é que deve ser desinteressado, sem esperarmos sequer um agradecimento ou retribuição. Aquele que fez o bem e espera recompensa é um operário do bem;

ao passo que o que o fez abnegadamente é um patrão do bem. Este gravou na consciência universal o bem; e a sua repercussão não será sinão bôa.

VII

*De como admitir a Conduta dos nossos
Amigos para conosco*

É sempre confuso para o pensador decidir sobre a maneira certa de obrar quando em contacto com pessoas de temperamentos diferentes, e diversas em sua evolução na vida; e, para o homem correto, isto se torna embaraçoso quando, ligado pela amizade, tem de suportar mau tratamento da parte de amigos. A primeira norma essencial, que devemos observar acerca de amizades, é que se façam lentamente, e ainda mais lentamente se desfaçam. As crianças tornam-se amigas mil vezes num dia; e mil vezes brigam por pequenas coisas, e se fazem inimigas. Si os adultos fizessem o mesmo, ime-

diatamente mostrariam ao observador o grau de sua evolução.

Não devemos ter em consideração a conduta dos outros para conosco, ao pesarmos a nossa conduta para com eles; pois que a própria é sempre mais cara para cada um, e quando pesamos nossa conduta com a de outrem, naturalmente, lhe damos peso maior, e não medimos a conduta dos outros com idêntica medida. Por conseguinte, para estabelecermos o equilíbrio, devemos sempre considerar que uma gentileza, um bom pensamento, um pequeno auxílio, algum respeito mostrado por outra pessoa para conosco, valem mais do que si nós fizéssemos o mesmo por um amigo nosso; mas um insulto, uma ofensa feita a nós, um desapontamento a nós causado por um amigo, a quebra de uma promessa, uma decepção, ou qualquer coisa de que não gostemos, da parte de um amigo, devem ser tomados por menos reprováveis do que si fizéssemos nós a mesma coisa. Cada ação bondosa e delicada, de um amigo, deve-

mos apreciá-la muitissimo; e a mesma coisa feita por nós a um amigo, devemos reputar não bastante. Devemos censurar menos a um amigo por sua conduta merecedora de censura; mas, pela mesma, devemos acusarnos o mais possível. O equilíbrio se estabelece com isso, e aí temos a verdadeira reciprocidade. Quem todo dia está fazendo amigos, e todo dia desfaz amizade, fica durante a vida toda sem amigos; mas aquele que é caritativo para com o amigo e rigoroso para consigo mesmo, é que demonstra ser o verdadeiro e bom amigo, digno de se possuir na vida.

VIII

De como admitir a conduta dos nossos inimigos

Quando se tratar de inimigos, deve-se ter em mente que é possível um exagero de imaginação; pois que o minimo erro praticado pelo inimigo nos parece um cúmulo de erro, e o menor acêrto praticado por um amigo se nos afigura um cúmulo de acêrto. É timidez sobrestimar o inimigo acima do que ele é; e julgá-lo inferior à sua fôrça real é estupidez.

Segundo a lei da reciprocidade, permitir ao inimigo que insulte ou ofenda, é um erro. — Pagar insulto com insulto e ofensa com ofensa são coisas que se contrabalan-

cam. Tratando com o inimigo, devemos, antes de tudo, compará-lo conosco, em inteligência e em poder, e verificar si estamos, ou não, em condições de enfrentá-lo e à sua inimizade. No caso de haver tal possibilidade com fôrça, coragem e inteligência, dominá-lo antes que ele nos domine; pois que, em materia de inimizade o primeiro golpe traz uma vantagem para quem o der. No caso de acharmos-nos mais fracos, ou menos do que o inimigo, a melhor coisa será ocultar a nossa inimizade até que possamos enfrentá-lo; esperar com paciência e confiança até que chegue esse tempo; até então, manter a paz e a harmonia; o que, de acôrdo com a lei da reciprocidade, não constitui dolo.

É contra a sabedoria permitir que se torne alguém nosso inimigo, si podemos evitar que tal aconteça. Devemos sempre evitar isso, e ser cauteloso em todos os negócios da vida, afim de não angariarmos inimigos, pois que são bastantes os que temos na vida. Ao inimigo nunca mostrar

fraqueza; sempre mostrar que somos a parte forte deante dele. Nunca lhe propiciemos a oportunidade para nos preparar um golpe; e devemos dispôr de modo que ele o receba de nós, antes que o prepare.

Não devemos, de nossa parte, retardar um momento sequer a concórdia e a amizade, si o inimigo assim as desejar; nem devemos perder um só momento para fazê-lo nosso amigo, si tal estiver ao nosso alcance. O homem deve estar sempre disposto a transformar o inimigo num amigo, e a esforçar-se o melhor possível para isso, a não ser que, assim fazendo, a vaidade aumente do inimigo.

Nada mais indesejavel para o homem do que ser pioneiro de uma inimizade. Tornar-se-ia digno de censura; do seu lado é que devem partir todos os esforços para estabelecer-se a harmonia. Algumas vezes, por fazermos juizos máus de alguém, fomentamos em seu coração uma inimizade, que antes disso não existia; brotou unicamente da nossa imaginação. A amizade se

aplica a mesma regra. Si pensarmos em alguém fortemente com amor, mesmo tratando-se de um inimigo, o poder da nossa mente o transformará num amigo.

IX

*De como admitir a conduta dos outros
de acôrdo com o nosso gráu*

O procedimento dos outros varia de natureza, de acôrdo com as nossas relações com eles. Um companheiro íntimo, por exemplo, disse alguma coisa para nos irritar — nós o tomaremos como troça. Entretanto, essas mesmas palavras proferidas por nosso criado, ou por alguém que não seja tão íntimo para brincar conosco, tomá-lasemos como insulto; o que mostra não ser a conduta que produz o efeito, mas a relação em que estamos para com outrem o que muda o efeito. Os ditames dos pais, professores, pessoas mais idosas ou superiores a nós em profissão, negócio, riqueza, posição ou sentimento, não se tornam tão severos

quanto aqueles oriundos de pessoas mais moças do que nós, inferiores em posição, ou destituídas de senso.

É sempre sábio associarmos-nos com os nossos iguais em pensamento, posição e poder, sempre tentando progredir e entrar em círculos ainda mais altos; não meramente por ambição, mas por que o merecemos. Em toda contingência da vida, preservar devemos a dignidade, e pelo pensamento, palavra e ação devemos-nos resguardar contra a humilhação.

Si alguém, sem razão ou justiça, nos tratar com maldade, reagir devemos, provando com isso o despropósito desse tratamento. Si, porém, estivermos em falta, devemos nos repreender a nós mesmos, antes de revidarmos o mau tratamento da parte de outrem. Si alguém nos tratar muito melhor do que merecemos não devemos deixar no olvido o fato de não merecermos seu bom tratamento; devemos levá-lo à conta de uma bondade da parte de quem o praticou. No caso de acharmos que merecemos o

bom tratamento que outrem nos dê, não devemos recebê-lo como coisa de que nos orgulhamos, ou por motivo da qual ficemos vaidosos, mas tomá-la, como força, afim de termos esperança de nos tornarmos ainda melhores, e de que através de nós manifeste Deus a Sua bondade.

X

Da conduta de Deus para conosco

Geralmente, quando o homem experimenta momentos de prazer na vida, atribue sua bondade ao seu próprio valor; e quando os experimenta desagradáveis, os considera como sendo a cólera de Deus.

A maneira certa de pensar a este respeito é considerar cada momento de prazer como grande mercê de Deus para a nossa ínfima bondade, que não pode ser comparada com a Sua mercê; — e ainda como encorajamento para aumentar a nossa própria bondade; e cada momento desagradável deve ser considerado como pequena cólera de Deus, em comparação com o nosso grande mal, para ensinarmos a lição de nos abstermos disso; e para vermos em ambos os casos a Sua mercê, evidente, naquele primeiro caso, oculta, neste último.

Aquele que sustenta o equilíbrio mesmo entre a fé e o temor é um sábio: A fé na Sua mercê, de maneira a dizer: “Si o mundo inteiro virtuoso desaparecer num dilúvio, eu, com a minha fé salvar-me-ei, como Noé em sua arca”; e o temor, até este ponto: — “Si o mundo inteiro pecador se salvar, eu serei tomado como objeto da cólera de Deus”. Os que não entendem esta moral estão fadados a andar perdido, pelo mundo a fóra, vendo o malvado gosar e olhando para o sofrimento do virtuoso.

O mundo e a sua vida são illusórios deante dos olhos inexperientes. Enganam, embaraçam e cream toda sorte de confusão deante dos olhos humanos; e o primeiro passo para a orientação correta é estar vigilante para conhecer o que agrada e o que desagrada a Deus, de perto observando a vida; esforça-se constantemente por andar no caminho do Seu agrado, e abster-se de tomar o caminho daqueles que procedem para o Seu desagrado.

CAPITULO II
DA LEI DA BENEFICÊNCIA

I

*Do nosso Proceder para com os nossos
Amigos*

A amizade, tal como, em média, a compreendem as pessoas, é um pouco mais, talvez, do que o simples conhecimento; mas, na realidade, é mais sagrada do que outra qualquer conexão no mundo. Para uma pessoa sincera, entrar na amizade é como transpôr as portas do Céu; e uma visita a um amigo é uma peregrinação a um verdadeiro e querido amigo.

Quando, na amizade, surge este pensamento: "Amar-te-ei como tu me amares"

ou "Farei por ti o que fizeres por mim", isso tira toda a virtude da amizade, porque é uma atitude comercial, que prevalece por toda parte, no mundo comercial: tudo é feito visando uma retribuição, e o que se dá é peso por peso.

A amizade deve ser o polo contrário ao lado prático da vida, pois, quando alguém está cansado pelo egoístico ambiente que o cerca no mundo, se sente inclinado a procurar refúgio sob o amor e a bondade de um amigo dileto; mas, si ha uma questão de egoísmo na amizade, aonde pode ir uma alma cansada e aborrecida com o meio egoístico, de que está cercada no mundo?

A amizade é como o recreio depois da labuta quotidiana. E' falar ou estar com alguém que é diferente de todos os outros na vida. A dificuldade, porém, surge do fato de cada um pensar que seu amigo deve corresponder ao seu idéal, o que afinal, para ele, é um desapontamento. Porque a lei da beneficência o que nos ensina é isto: a bon-

dade vale a pena, pois, com ela, se resiste até à maldade; tem seu valor, porque se resiste com ela à tirania. Nem todas as almas estão preparadas para seguir este idéal, e isto depende do grau de fôrça da pessoa, para resistir. Tendo um idéal, se desenvolve afinal a pessoa, si não ao começo, no rumo do mesmo idéal que ela mantém deante de si.

Uma amizade para conseguirmos o fim e os objetivos na vida, pelo amor e pela bondade de um amigo, é de todo um comércio.

O genuino amigo é o desinteressado, e essa especie de amizade é a duradoura; a interesseira acabar-se-á. Porque o amigo egoista creará egoísmo no coração do seu amigo, e o amigo não egoista creará desprezimento no coração do seu amigo. Mais cedo ou mais tarde, cada um recolhe o que dá, porque o coração conhece o estado do coração.

Não há, portanto, melhor princípio do que o de se desejar o bem para o amigo.

falar bem do amigo, fazer bem ao amigo, com toda bondade e amor, sem jamais, por um momento, indagar se o amigo merece tal bondade, o ameno trato. ou o amor.

II

*Do nosso Proceder para com os nossos
parentes*

Nosso amor, nossa bondade, assistência e simpatias são devidos a toda gente, especialmente àqueles que nos rodeiam, e de acôrdo com o que esperam de nós. Um extranho, naturalmente, espera menos do que um conhecido; um conhecido espera menos do que um amigo; e um amigo, menos do que os parentes. Estes, por consequência, têm mais direito de exigir nosso amor e assistência, e é nosso primeiro dever outorgá-los a eles. Não importa si eles não nos outorgam os mesmos, ou não se mostram dignos do nosso idéial. É um erro para as pessoas sensatas esperar o mesmo da parte

deles, ou esperar de cada um que se mostre digno do nosso próprio idéal, quando é difícil a nós mesmos mostrar-nos dignos de nosso próprio idéal. Por mais nobremente que pensemos em nós mesmos, ao fim do exame falhamos. Por conseguinte, o prudente é fazer todo o bem que pudermos aos que isso esperam de nós, especialmente aos que consideram seu direito esperá-lo de nós, mesmo sem cogitar si eles o retribuirão, ou si eles o merecem.

Há os que se orgulham de seus parentes. Do parentesco tirar partido e ter orgulho dos parentes é direito, pois isto é o primeiro passo para a fraternidade humana. Uma pessoa não pode alcançar de um salto, num momento, o universalismo.

Outros há, que têm uma espécie de rancor natural aos parentes, e amam àqueles com os quais não têm conexão alguma. Mas estão no erro, porque uma pessoa que não pode amar seu próprio irmão jamais estará apta para considerar outra pessoa co-

mo irmão, porque negligenciou o aprender sua lição em casa.

De parte o ódio aos parentes, um homem prudente não odiará nem mesmo seus inimigos.

Odiando os parentes pela sua impetabilidade, mais impetáveis os faremos; ao passo que, amando-os, algum dia seremos capazes de fazer surgir o merecimento que neles queremos que exista.

A harmonia no lar expande-se e faz o mundo harmonioso para nós; e a desarmonia no lar transborda e espalha-se pelo mundo, e constroe um mundo para nós desarmonioso. Por exemplo, uma pessoa que tenha brigado no lar e partido para a China, e lá se estabelecido para obter a paz, levou consigo a desarmonia, e nunca pode estar em paz, toda a vida.

Por má que seja a nossa situação na vida, si fizermos todo o possível e dominarmos a situação, será muito melhor e mais importante do que desejarmos trocar

de situação, o que não é mais do que uma fraqueza.

É tão admirável, na parentela, quando existe harmonia entre irmãos e irmãs, um elo de amor e harmonia entre marido e mulher, especialmente amor e devotamento entre pais e filhos! Em verdade, não existe maior luz do que o amor.

III

Do nosso Proceder para com os nossos empregados

De tal forma estamos situado na vida que, seja qual fôr a posição que ocupemos na vida, nunca seremos independentes, nunca nos bastaremos a nós mesmos. Por conseguinte, cada indivíduo depende de outros de cujos serviços precisa, e os outros dele dependem por precisarem de seus serviços; a posição da pessoa que é uma entre muitas que servem só se torna mais baixa aos olhos daqueles que se contam entre os poucos que podem servir. Isto faz cada pessoa ser, por igual, um senhor e um servidor. Entretanto, cada um se esquece, intoxicado pela sua posição de senhor, do seu lugar de servidor, e olha para o que está na posição

de ajudá-lo, como se este fosse dele um servo.

O sábio, cujos sentimentos estão sempre despertados, pensa profundamente nesta questão, e faz o melhor possível por evitar toda chance de dar sequer uma idéia, a um servidor, da sua servidão, longe de insultá-lo de qualquer modo, ou de ofender seus sentimentos.

Somos todos iguais, e si temos algumas pessoas que nos servem na vida, humildes devemos sentir-nos, e o mais agradecidos pelo privilégio, em vez de humilhar a posição do servidor.

É prudente fugir do colocar sobre outrem o nosso próprio fardo, por mais exaltados que possamos estar em nossa posição na vida.

É acertado repartir o trabalho com o servo, por mais humilde que isto pareça; pois que não há nada por demais humilde a fazer-se daquilo que deve ser feito na vida. Si o homem pode fazer certa coisa, não precisa, só porque se acha em posição mais

alta, deixá-la para um pobre fazer. É necessário receber ajuda; mas é justo que façamos tudo que se apresenta na vida, sem levar em consideração a riqueza, o poder, ou a posição da pessoa na vida.

Segundo a moral dos antigos, um servo era considerado como um filho da família, e não se lhe deixava sentir que estava mais abaixo, de maneira alguma, do que os membros da família. Não se pode cometer pecado maior do que o de ferir os sentimentos daquele que nos serve, na dependência da nossa ajuda.

Certa vez um Profeta ouviu seu neto chamar a um criado por seu nome. E ouvindo isto, disse imediatamente ao neto: "Não, filho, não é direito dirigir-se aos mais velhos assim. Deves chamá-lo "tio". Não importa que ele esteja ao nosso serviço, todos somos servos um do outro, e iguais perante Deus".

Há um verso de Mahmud Ghasnavi, que diz assim: "O Imperador Mahmud, que possuía milhares de escravos para aten-

derem ao seu chamado, tornou-se escravo de seus escravos quando o amor brotou do seu coração”.

Ninguém parece inferior deante de nós, quando o nosso coração transborda de bondade e os nossos olhares se abrem para a visão de Deus.

IV

Do nosso Proceder para com os nossos superiores

É natural cada pessoa ter um chefe, desde um mendigo a um rei. Não há ninguém neste mundo que não tenha outrem, sob cujo controle e comando é de esperar que obrem: na escola, obediência ao professor; no exército, ao comando; na oficina, ao mestre; numa nação, a um rei, ou a um presidente, a um oficial, ou a um chefe. Não há nenhum aspecto de vida que disso isente o homem. Nesta situação, é prudente obrarmos em relação ao superior nosso com a mesma consideração que esperaríamos do nosso inferior.

Lealdade, respeito, boas maneiras, sinceridade, atenção — devem sempre existir

necessariamente em nosso trato com os nossos superiores na vida; e aqueles a quem faltam estas qualidades acha que os outros, de quem ele espera também sintam falta delas. Uma criança, que é insolente para com seus pais, verá sempre insolência nos seus próprios filhos; uma pessoa que tenha sido rispida para com seu chefe, encontrará sempre rispidez nos seus servidores. É a lei da natureza. Por conseguinte, usar de maneira respeitosa para com nossos chefes, a todos os respeitos na vida, sempre vale a pena.

V

Do nosso Proceder para com os nossos conhecidos

O homem deve sempre tentar desenvolver seus conhecimentos em amizade, pelo menos com as pessoas, em relação às quais fôr isso possível. A respeito daquelas, porém, com as quais fôr impossível, deve, pelo menos, continuar as relações, em vez de passar do conhecimento ao afastamento. "Pois que a amizade é coisa tão rara" — pergunta-se comumente, "como podemos fazer-nos amigos de todo mundo?" Assim talvez espere um homem, toda a vida, com o seu alto idéal, e jamais encontre seu amigo idéal; e, passando por todos os que se tornam seus conhecidos, vai de certo modo evitando a chance de fazer com ele amizade,

pensando que não são dignos disso. É fácil dizer-se acerca de outrem que não digno de com ele fazer-se amizade; mas a pessoa não sabe quão digna ela mesma é.

Os sábios, portanto, quando encontram alguém com mais ou menos inclinação de amizade para com eles, são reconhecidos, e proveitam-se o melhor possível da oportunidade, dela tirando três benefícios: o primeiro é que, tornando-se amigo de alguém desenvolve uma pessoa, em si mesmo, o espírito de amizade; o segundo, que se ajunta mais um ao círculo de seus amigos; e o terceiro, a alegria de permutar o amor e os sentimentos de bondade, que são as maiores e melhores coisas do mundo. Há toda vantagem no alargar-se o círculo de amigos, e todo prejuízo no perder-se um amigo de tal círculo.

Devemos olhar para as pessoas do nosso conhecimento como sendo a semente da amizade, não como situação a que se força alguém; pois aqueles que viram as costas ao homem, e olham para ele com desprezo, o

fazem a Deus. Não é prático, além de ser indelicado, pensar-se: "Aquela pessoa talvez não tenha valor algum, ou nenhuma importância tenha. Assim como todas as coisas têm seus préstimos, sejam flores ou espinhos, o doce ou o amargo, todos os homens, qualquer que seja a sua posição, classe, raça ou casta, a que pertençam, pouco importa, têm a sua utilidade. A amizade com o bom ou com o mau, com o sábio ou o tolo, com o poderoso ou com o pobre, é igualmente benéfica, seja para nós mesmos, seja para a outra parte. Que importa si alguém é beneficiado com a nossa amizade, uma vez que nós mesmos gostaríamos de ser beneficiados pela amizade de outrem. Sábio é aquele que trata um conhecido como si fosse um amigo, e tolo, aquele que trata um amigo como si fosse apenas um conhecido, sendo inconcebível aquele que trata amigos e conhecidos como se fossem estranhos; não podemos ir em seu auxílio.

VI

Do nosso Proceder para com os nossos vizinhos

A palavra vizinho é tradicionalmente usada para aqueles que vivem ao redor de nós em casa, na repartição, ou na oficina.

Tulsidas, poeta hindú, diz que a bondade é a essência da religião. Aqueles que são inclinados a fazer o bem na vida não devem discriminar entre as que os cercam aquelas para as quais devem ser bondosos e aquelas para as quais não o devem ser. Entretanto, por mais amavel e bondoso que uma pessoa seja para outra de quem gosta, para outra em relação à qual deseje ser amavel, não pode ser chamada bondosa por natureza; a verdadeira bondade é aquela que

brota do coração para o merecedor e para o que não merece.

Há pessoas que são bondosas por índole, e entretanto não sabem a maneira de expressar a sua bondade; e entretanto, com toda sua bondade, passam na vida como despidas de bondade. Há muitos modos de se expressar a bondade, e entre elas estão estes poucos: ser inofensivo, não ser incômodo, e ter consideração para com os que nos cercam. São estes os três primeiros princípios da bondade.

Por inofensibilidade entende-se que, embora o homem não pareça ofender o homem, como os animais da floresta se ofendem uns aos outros, podemos entretanto, por um estudo acurado, chegar à conclusão de que o homem pode ofender outro homem mais do que os animais selvagens se ofendem uns aos outros. Porque o homem é o superlativo do desenvolvimento de toda a criação; portanto o eu, que faz a pessoa egoísta, é mais desenvolvido nele do que em qualquer outra criatura. O egoísmo conserva

o homem cego toda a vida, e raramente reconhece ter causado injúria a outro.

Por não ser incômodo entende-se que, mesmo uma pequena indelicadeza no pensamento, no falar, ou na ação, pode incomodar a outrem, o que o homem facilmente faz na vida sem considerar. E o senso do homem tem a delicadeza de Deus. Incomoda muitíssimo a outrem quando nem mesmo notamos, de nossa parte, a indelicadeza.

Por consideração entende-se que a vida do homem no mundo é uma vida de pobreza, — pobreza de um modo ou de outro, mesmo que ele viva num palácio. No Alcorão se diz: "Somente Deus é rico, e na terra todos são pobres". O homem é pobre com seu grande número de necessidades, exigências da vida e da sua vontade; e quando se observa penetrantemente a vida, parece que o mundo todo é batido pela miséria, e todo mundo luta em defesa própria. Nesta luta pela vida, si alguém for bastante sensato para manter-se de olhos abertos para tudo que o cerca, para aqueles que as cir-

cunstâncias colocaram junto dele na vida. e vir de que maneira os poderia ajudar, esse tornar-se-á rico; esse terá herdado o reino de Deus!

VII

Do nosso Proceder para com os nossos camaradas

Não é apenas uma virtude sermos justos e agradáveis para com os nossos camaradas, mas também um grande benefício para nós mesmos, até do ponto de vista prático. Algumas vezes pensa o homem: "Venci um outro, e deste modo lucrei; assim, com prejuizo da virtude, fui beneficiado".

O segredo está em que o nosso benefício na vida é dependente do benefício de outros. Somos dependentes uns dos outros. O plano íntimo da trabalho é tal que a parte de lucros e perdas mútuos se distribui entre todas, embora exteriormente assim não o pareça. Ilude-se e deixa-se levar o homem pela suposição deste fato, porque vê sofre-

rem uns enquanto gosam outros, quando vê que um é beneficiado pelo prejuizo de outro.

É verdade que assim é no plano exterior, mas o mesmo não se dá nas elaborações interiores. O ladrão, depois de ter roubado, fica tão inquieto durante a noite quanto a pessoa roubada. O ensinamento de Christo para que sejamos bons e caridosos, o ensinamento de todos os outros Mestres que têm mostrado à humanidade o caminho da perfeição, ainda que pareça diferente do que geralmente possamos ver do ponto de vista prático, denominado talvez senso comum, é no entanto perfeitamente prático, segundo o senso não comum, noutras palavras — segundo o supersenso.

Si desejardes ser caridosos, pensai no conforto de outrem; si desejardes ser feliz, pensai na felicidade de nosso camarada; si desejardes ser bem tratados, tratai bem os outros; si desejardes que outros sejam retos e justos para convosco, principiai por apresentar-vos como um exemplo, vós mesmos.

VIII

Do nosso Proceder para com os Malfeitores

Pronto está sempre o homem para acusar um outro de ter feito alguma coisa que ele próprio não esitaria em fazer. Outros há que talvez não cometeriam a mesma falta de que acusam outrem, mas a praticaram no passado. Ainda há uma terceira classe de gente que acusa outrem da prática de um erro, que, devido a certas circunstâncias, ela mesma é incapaz de praticar. Bela pintura fez disto Hafiz (1) na sua poesia. Diz ele:

(*) Foi Hafiz um dos maiores poetas Sufis, místicos e líricos, da Pérsia. Nasceu em Shiraz, nos começos do século XIV, e morreu cerca de 1390 da Era Cristã. O nome Hafiz quer dizer guardião, protetor, e o poeta

“Ouvidos eu te daria,
Homem devoto e piedoso,
Si fosses menos idoso,
E na primavera, um dia,
Entre rosas, num jardim,
Te desse mulher formosa,
Uma taça capitosa
e a recusasses. Aí sim,
Ouvidos eu te daria,
Homem devoto e piedoso”.

É fácil censurar outrem por seus êrros, como é fácil examinar, e difícil quando se é examinado. As palavras da Bíblia referem-se a isto: “Aquele que estiver sem pecado entre vós que atire a primeira pedra”.

Muitas vezes o homem dá uma tal importância a uma ação má praticada por outrem, e que se faz errada segundo o pa-

persa Jami refere-se a Hafiz como o “Intérprete dos Mistérios”. O escritor inglês Arbathnot refere-se ao mesmo Hafiz como “este verdadeiramente grande poeta cujo gênio tem sido inteiramente compreendido e apreciado em todo o mundo, e ao qual se tem atribuído unanimemente o primeiro e mais alto posto”. (N. do Trad.).

drão do seu próprio entendimento, visto que o direito e o errado de cada pessoa o são de acôrdo, não somente com o seu gráu de evolução, como também com o seu entendimento. Muitas vezes um homem acusa outrem de ter praticado uma falta sem levar em consideração aquilo que o impeliu a cometê-la, qual o verdadeiro estado da sua vida, si ele fez isso voluntaria ou involuntariamente, si foi compelido a fazê-lo por si mesmo ou por outra pessoa, ou por alguma circunstância imprevista.

Há outra maneira, aquela em que se acusa outra pessoa sem mesmo ter visto seu malfeito, mas porque outra pessoa lho disse, o que é um erro ainda maior; não é mesmo um fato conhecido à primeira mão.

Quando vemos através do cérebro, vemos tantas faltas nos outros; e quando vemos através do sentimento, não podemos fazer nada mais do que excogitar de que modo podemos justificar aquilo que eles fizeram, ou pelo menos tolerar que hajam fei-

to assim por fraqueza ou por engano, o que é natural a todo homem, desde que Adão, o pai da humanidade, foi sujeito a faltas.

Quanto mais se desenvolve o sentimento no coração do homem, mais clemente se torna ele. Pois que para ele os habitantes do mundo parecem criancinhas, como parecem àquele que vôa no aeroplano; e assim como estamos prontos a perdoar as faltas das crianças, pronto se torna o sábio a perdoar as faltas dos homens.

IX

*Do nosso Proceder para com os
Inimigos*

A diferença entre a lei da reciprocidade e a lei da beneficência é que na primeira se justifica o princípio "olho por olho e dente por dente", e na segunda se pressupõe tolerância para perdoar e mostrar delicadeza, de modo que o inimigo possa transformar-se num amigo. Há casos, em que não se pode mostrar delicadeza, mas ainda aí se pode ser tolerante. Há casos, em que se não pode perdoar, entretanto a vingança, para uma pessoa humana, não é coisa natural. A gente pode ser indulgente para as faltas de outrem; e por este meio dar menos ocasião a desgosto e ainda menos ocasião a inimizade.

Pensa então uma pessoa: "Sendo bondosos para nosso inimigo, o encorajaremos na sua tirania". A verdade, porém, é que, emquanto havemos delicadeza no coração, em vez de endurecer a natureza do inimigo, abrandamo-la, pois, que nós recebemos tudo aquilo que espalhamos. Uma palavra doce em retribuição a uma palavra áspera, uma boa ação em troca de uma cruel, um pensamento amavel em resposta a um pensamento máu, fazem maior efeito do que pagar-se na mesma moeda. O ferro que não pode ser partido pelo martelo, pode ser fundido pelo fogo. O amor é fogo; a bondade, a sua principal expressão; e si uma pessoa tiver desenvolvido suficientemente a bondade no coração, poderá, mais cedo ou mais tarde, transformar um inimigo num amigo. Mais das vezes, a indelicadeza de uma das partes é que geralmente causa inimizade à roda de si; a gente acusa os inimigos, e fica horrorizada com seu número; acusa depois o mundo, sua natureza e sua vida; e quando a criação se apresenta digna de cen-

sura na mente de uma pessoa, como pode o Creador se manter livre de censura? Então, só aquele homem se considera livre de censura, e tudo mais é censuravel; e a vida, para ele, se torna uma tortura; e ele pensa que não vale a pena viver. Torna-se auto-correto, e todo mundo lhe parece estar contra ele.

É sempre sábio evitar toda chance de causar inimizade, e fazer todo esforço para transformar cada inimigo — mesmo a pessoa mais de leve ofendida, ou que tenha tido um pequeno desentendimento conosco, ou que se tenha talvez enfadado conosco — outra vez um amigo, não por amor de nossa própria felicidade, ou da sua, mas por amor do bom princípio, e para benefício material; porque, por menor que seja o inimigo, pode causar-nos bem grandes vexames ou sofrimentos, e por menor que seja a amizade que tenhamos a uma pessoa, ela poderá nos ser a mais útil, um dia. Afora todos os benefícios materiais, este é por si mesmo tão grande, — o de sentirmos;

“Aquela pessoa está contente comigo, está bem disposta para comigo, não mais será minha inimiga”.

X

Do nosso Proceder para com Deus

Deus é o idéal que eleva a humanidade ao mais perfeito gráu de perfeição. Assim como o homem considera e julga na consciência a sua conduta para com o homem, o verdadeiro adorador de Deus deve considerar e julgar a sua conduta para com Deus. Si ele ajudou alguém, si foi amavel para com outrem, si fez sacrifício por alguém, não deve, por assim ter obrado, procurar aplauso, ou retribuição da parte da pessoa a quem fez algum bem; pois ele considera que as suas contas são com Deus, não com aquelas pessoas, em relação às quais teve tal procedimento. Não lhe importa mesmo si, em vez de louvor, delas recebe censura; pois que, em todo caso, o fez para

Deus, que é o melhor juiz e o conhecedor de todas as coisas.

Não há mais alto idéal do que o idéal de Deus, o qual pode alto elevar o nível moral, pois que o amor é a raiz de tudo, e dele é Deus o fruto. A expansão do amor, sua culminação e progresso, todos dependem do idéal de Deus. Quanto sóe o homem temer seu amigo, seu vizinho, quando faz qualquer coisa que possa ofender aquele que ele ama, ou respeita; e entretanto quão estreita é a sua bondade, quando referente a qualquer pessoa, ou a certa gente. Podemos imaginar que, si ele tivesse a mesma consideração para com Deus, seria então discreto em todos os logares e no trato com todo mundo; tal como diz nuns versos um Sufi; "Em qualquer parte que esteja, encontro a Tua sagrada morada, e para qualquer lado que olhe, só vejo a Tua bela e sagrada face".

O amor para com Deus é a expansão do coração; e todas as ações oriundas desse amor são virtudes; não podem ser de outra forma. O descortino da vida é diferente

quando o coração do homem está cheio de amor para com Deus. Aquele que ama a Deus não odeia ninguém; porque sabe que assim procedendo odiará o Creador, odiando Sua criação. Não pode ser hipócrita, não pode ser desleal; porque pensará que ser leal e sincero para com a humanidade é ser leal e sincero para com Deus. Podemos confiar sempre naquele que ama a Deus, embora nos pareça ele inhabil ou falho de inteligência, pois que o fato só de manter com firmeza na mente a idéia de Deus, purifica a alma de todas as amarguras, e dá ao homem a virtude que ele não poderá alcançar de nenhuma outra parte, e por nenhum outro meio.

CAPITULO III

DA LEI DA RENÚNCIA

I

Da vida em Deus

“NEle vivemos, nEle nos movemos, e nEle temos o ser”. Este ensinamento da Bíblia nos revela a natureza de Deus; Deus é o oceano, cujas ondas são todas as Suas atividades, grande ou pequenas. O Alcorão, apoiando este conceito, diz que nenhum átomo se move, se agrupa, ou se dispersa, que não seja pelo poder de Deus. Rumi (1)

(*) Jalalu 'd-din RUMI é conhecido como o mais profundo poeta místico, entre os Sufis da Pérsia (Iran) do século XIV. Foi autor do grande poema “Mathnawi” (O Caminho para Deus). Esta obra é maior, em ta-

explica isto ainda mais claramente: "O ar, a terra, a água e o fogo servos são de Deus; para nós, parecem eles sem vida, mas para Deus, eles são vivos". Naqueles que se com-
penetram deste conhecimento, até aonde chega a sua compreensão desta verdade, surge um espírito de renúncia, que pode ser chamado um espírito de Deus.

Aquele que precisa de alguma coisa mais pequeno se torna do que a coisa de que precisa; e aquele que se desfaz de uma coisa é maior do que a coisa de que se desfaz. Para um místico, portanto, cada ato de renúncia representa um passo para a perfeição. A renúncia forçada, quer pela moral, ou pela religião, pela lei, convenção ou formalidade, não é necessariamente renúncia. O verdadeiro espírito de renúncia é a espontaneidade; e só alcançaremos este espírito quando nos elevarmos acima da coisa que

manho, do que a *Ilíada* e a *Odisséia* combinadas. A principal tradução do poema de Rumi em Inglês foi feita por R. A. Nicholson, Litt. D. LL. D. Professor da lingua persa na Universidade de Cambridge, 1925. (N. do Trad.).

renunciamos. O valor de cada coisa na vida — riqueza, poder, posição, fortuna está de acôrdo com a evolução do homem. Há um tempo na vida, no qual são os brinquedos os seus tesouros, e há tempo em que ele põe de lado; há um tempo, em que as moedas de cobre representam alguma coisa para ele, e outro tempo existe em que podemos desperdiçar moedas de ouro; há um tempo na sua vida, no qual dá ele valor à uma cabana, e outro tempo em que abandona um palácio. As coisas, por si, nada valem; seu valor decorre justamente do homem, o qual, em cada gráu da sua evolução, lhes muda o valor. Certamente não há lucro nenhum em abandonar o lar, os amigos, todos os negócios da vida, e ir para a floresta e viver uma vida de asceta; no entanto quem se julga com o direito de censurar os que assim procedem? Como poderá o homem da sociedade julgar e compreender o ponto de vista daquele que renuncia? Talvez aquilo que parece do maior valor, ao homem da sociedade, nada valha para o que renunciou. O

Sufi não faz restrição e princípios à renúncia, nem ensina a renunciar. Ele pensa que sacrificar alguma coisa na vida, que se não deseja sacrificar, nada vale; mas que a renúncia é uma coisa natural, e cresce na pessoa com a evolução desta. Um menino que chora por seu brinquedo, numa época de sua meninice, chega a uma idade, em que, por completo, desejoso está de afastar de si o brinquedo, pelo qual chorou certa vez.

Há três fazes da moral. A primeira fazes da moral é a moral da reciprocidade. Esta moral é natural naquele que vê a diferença entre ele mesmo e um outro, e que reconhece cada homem como tal e tal. A segunda lei da moral é a lei da beneficência, segundo a qual o homem, reconhecendo-se a si próprio, como entidade separada dos outros, e reconhecendo os outros como entidades distintas, vê, contudo, um laço de conexão entre ele próprio e todos, e considera-se como um zimbório, no qual repercutem o bem e o mal; e para ter uma boa repercussão dá o bom pelo bom, e o bom pelo mau.

Mas a terceira fazes da moral é a moral da renúncia, onde a diferença entre o "meu" e o "teu", e a distinção entre "eu" e "tu" se desvanece na realização da Vida Una, que está no interior e no exterior, embaixo e encima; e que é significação do versículo da Bíblia: "NEle vivemos, nEle nos movemos e nEle temos o ser".

II

Da Renúncia

Aqueles que, no Oriente, renunciam ao prazer, ao conforto, às riquezas e às posses, de um ponto de vista místico, não o fazem por serem fracos de mais para conservar aqueles bens, ou porque não os desejam, mas apenas porque assim o querem, pois que, antes de uma coisa por eles possuída sair de suas mãos, eles podem renunciá-la. Todas as coisas que possuímos na vida, atraímos-las para nós; e quando tais coisas se perdem, isso mostra que se perdeu aquele poder de atração; e que, si uma pessoa, antes de perder aquele poder de atração, e elas renunciar, elevar-se-á acima delas.

Todas as coisas que estão em poder de uma pessoa na realidade não lhe pertencem,

embora, nesse momento, ela assim o julgue; quando a pessoa as perde é que percebe não lhe pertencerem tais coisas.

Por conseguinte, a única maneira possível de tornarmos a felicidade duradoura seria ter-se em mente que tudo o que possuímos não é propriamente nosso, e renunciar em tempo, antes que tudo o que possuímos renuncie a nós. A lei da renúncia é importante; e não há outro caminho para a felicidade, sinão ela.

III

Da Renúncia

(Continuação)

Quando se enxerga profundamente na vida, vê-se que não há ganho, que não seja uma perda, e que não há perda, que não seja um ganho. Seja o que fôr que o homem tenha ganhado, com isso terá ele também perdido alguma coisa, que ele, às vezes nem sabe o que é; e, quando o sabe, às vezes, chama-lhe custo, ao saber que é uma perda menor. Quando, porém, não o sabe, a perda é grande; visto como todo ganho é, afinal de contas, um ganho mortal, e o tempo que se gasta na sua aquisição representa uma perda, e uma perda maior, em comparação com o ganho.

A perda de cada coisa mortal representa um ganho nas esferas imortais, porque desperta o coração, que está adormecido tanto pelo esforço de buscá-la, como pelos prazeres do ganho. Quando o homem observa de perto a própria vida e seus negócios, chega à conclusão de que não houve perda a lamentar, e que debaixo do manto de cada perda estava encoberto um ganho maior; e ainda nota que junto a cada ganho houve uma perda, e quando comparado esse ganho com a perda, fica provado que esta foi maior.

Aos olhos do vulgo, aquele que renuncia aos seus prazeres, conforto e felicidade parece um tolo; nada, porém, existe a que o homem tenha renunciado, sem que ele tenha recebido um ganho maior. Entretanto a renúncia ditada pelo interesse nada mais é do que avidez; a renúncia pelo prazer de renunciar é a única renúncia digna de apreço.

IV

Da Avidez e da Generosidade

Quando uma pessoa tem em mira conseguir um objeto, é menor do que o objeto; quando, porém, o tem conseguido, é maior do que o objeto. Mas, por isso que ela retém o objeto conseguido, diminue a própria energia, e o valor do objeto aumenta. Si, porém, renuncia ao objeto, que outrora conseguiu, se eleva acima dele e dá, na vida, um novo passo para o alto. Assim como, a cada passo dado na subida de um monte, uma pessoa vai de mais a mais para o alto, assim também se progride na vida, na obtenção de qualquer coisa, seja ele espiritual ou material. Por exemplo, quando uma pessoa deseja ter cem libras esterlinas, é mais pequena do que as cem libras; quando

as adquire, é maior do que a soma que adquiriu. Quando, porém, a pessoa dela está de posse, o valor das cem libras cresce mais e mais, aos seus olhos, e pode, ao seu ver, aumentar até parecer-lhe um milhão; a pessoa mesma, na sua estima, torna-se cada vez menor, como si nunca fosse capaz de adquirir aquelas cem libras novamente. Quando, porém, tiver o homem ganhado cem libras e as tiver gasto, elevar-se-á acima delas; seu próxima idéial será um milhão de libras.

Assim acontece em todos os aspectos da vida. A moral ensina que devemos obter aquilo a que damos valor, mas, uma vez obtido, em vez de ficarmos subjugados por isso, devemos elevar-nos livremente acima disso e dar um passo avante na vida. Os que fizeram progresso na vida, assim o fizeram, com este modo de ver; e os que ficaram estacionados na vida são aqueles que se apegaram ao que obtiveram, e não se inclinaram nunca a renunciá-lo; e por esse caminho acabaram fracassando. Portanto, a avidéz,

por mais vantajosa que possa parecer, acaba sempre enfraquecendo, ao passo que a generosidade pode parecer algumas vezes desvantajosa, mas é fortalecedora.

V

Da Necessidade da Renúncia na Vida

O ditado "Não há ganho sem pena", quando interpretado com justeza, tem a significação de — cada coisa custa alguma coisa, que é o seu preço; e esta lei da natureza é que ensina à pessoa que, para se obter seja o que fôr na vida, desde a coisa mais valiosa à mais insignificante, é sempre necessário renunciar. Seja na forma de paciência, na forma de serviço, na forma de modéstia, ou seja na forma de sacrifício: de qualquer forma que isso aconteça, tem de ser para algum fim. Quando se alcança alguma coisa na vida, sempre se arrisca, ou se vem a perder, alguma coisa. Issò não parece uma perda diante do ganho imediato; mas, diante de coisas que exijam tempo para ga-

nhar-se, e condições que exijam paciência para a sua obtenção, uma imediata e aparente perda significa uma dolorosa renúncia.

É justificável, portanto, que uma pessoa mostre inclinação para encontrar uma razão antes da renúncia de qualquer gênero. Sua dificuldade, porém, está em que a pessoa não será capaz de obter coisas abstratas, e coisas que se acham acima da compreensão ordinária, pois que não se arriscar a renunciar qualquer coisa por semelhante ganho. Aqueles que renunciam, sem razão, perdem também; pois que renunciam, e entretanto podem não ganhar coisa alguma. Por aí se vê que o sucesso da renúncia se encontra na própria renúncia, — em satisfazer-se com a própria renúncia, não pelo ganho. Somente essa é a renúncia, a que se pode chamar virtude.

Quatro são os desejos que podem mover o homem; os prazeres, a riqueza, o dever, e Deus. E cada uma destas conquistas custa alguma coisa, e ninguém poderia jul-

gar possível obter qualquer delas, sem renúncia. Portanto, embora seja a renúncia a última lição, a pessoa deve principiar a aprendê-la desde o começo.

ainda maior e melhor, e da liberdade de ação, de poder, talvez, realizar alguma coisa ainda melhor.

Eis porque a renúncia é praticada pelos *Sufis*; porquanto, a cada espontanea renúncia, avança a pessoa um passo para um objetivo mais alto.

Não renunciar é sempre improfícuo. Aquele que procura um ganho é menor do que seu próprio ganho; e aquele que renunciou a uma coisa acima desta se eleva. Todo passo na rota do progresso e da elevação é uma renúncia. A pobreza de quem renunciou é verdadeira riqueza, comparada com a riqueza daquele que vive apegado a elas. Uma pessoa pode estar rica de haveres e, na realidade, batida pela pobreza; e pode ser pauperrima, sendo, no entanto, mais rica do que o rico deste mundo.

VI

Da Relatividade do Ganho

A vida consiste numa luta contínua pelo ganho, seja de que espécie fôr. O ganho parece que é da vida a finalidade; e realiza-se pela superioridade. Isto prova, portanto, naturalmente, que se deve tentar, na vida, ganhar tudo aquilo que pareça bom e alcançável, ou de que se tenha necessidade na vida; e o fato de ser a pessoa capaz de alcançá-lo mostra superioridade, como o de ser incapaz mostra falta de superioridade. Encarando-se o assunto mais profundamente, vemos que todo ganho que a pessoa tenha em vida lhe põe limites, até certo ponto, para aquele ganho, canaliza suas atividades, e forma a linha do seu destino; mas, ao mesmo tempo, a priva de um ganho

VII

De Renúncia e da Perda

Há duas renúncias diferentes: uma é renúncia e a outra é perda. A primeira é a renúncia feita por uma pessoa que se elevou acima de alguma coisa, a que certa vez deu valor; ou cuja fome e sede de tal coisa estão satisfeitas, e não é mais tão apreciável como dantes era; ou que, talvez, tenha evoluído a pessoa, e veja a vida diferentemente, não mais como a via dantes. Em todos estes casos, a renúncia é um passo avante para a Perfeição.

Mas a outra renúncia, que alguém é compelido a fazer quando as circunstâncias o impedem de realizar o que deseja, ou de recuperar o que perdeu irremediavelmente, ou ainda, quando alguém se encontra numa

posição em que não pode alcançar o objeto que deseja obter, por fraqueza mental ou física, ou por falta de posição, poder ou riqueza, — essa renúncia é perda; e em vez de conduzir à perfeição, arrasta o homem para a imperfeição.

Os sábios, por conseguinte, renunciam voluntariamente àquilo que eles entendem renunciar, mas aquilo que eles entendem ganhar, disso estão eles constantemente à procura. Um fracasso, ou dois fracassos, não os desencorajam; depois de cem fracassos, levantar-se-ão com a mesma esperança, e acabarão por conseguir a coisa desejada.

Há, porém, outra fraqueza; e esta é segurar o que se ganhou, e entregar-se ao que se conseguiu. Isto restringe o homem ao seu ganho, priva-o de obter um ganho maior, e, com o tempo, chega mesmo a impossibilitá-lo de conservar o que já possui.

Esta filosofia foi vivida na vida pelos ascetas que viajavam de sítio em sítio. Toda felicidade, conforto e bons amigos que eles faziam num lugar, eles gozavam tudo

isso por um momento, e deixavam-no depois, afim de que não se vissem presos para sempre a tais coisas. Isto não quer dizer que seja necessário que tal vida seja tomada por modelo, para uma pessoa prudente; mas, nossa jornada através da experiência da vida é também uma viagem contínua, e o bem e o mal, o direito e o errado, o sucesso e o fracasso de ontem devemos deixá-los para trás, e devemos para eles voltar as nossas costas; e prosseguir devemos com uma nova esperança, nova coragem e entusiasmo, confiando no Poder onipotente do Creador sobre o nosso espírito.

VIII

Da Aprendizagem da Renúncia

O vulgo pensa que se aprende renúncia pelo desprendimento. Somente os espectadores vêem a renúncia na forma de desprendimento, tal como talvez um cão que vê renúncia quando um homem joga fóra um osso: Ele não sabe que o osso, para ele, tem valor; não, para o homem. Tem cada objeto um valor peculiar para cada indivíduo; e à medida que evolue uma pessoa através da vida, diferente vai se tornando o valor das coisas; à proporção que uma pessoa se eleva acima das coisas, vai renunciando-as na vida; e aquela que não se elevou acima delas, ao vêr a renúncia de outrem, chama a isso tolíce ou falta de egoísmo.

Não precisamos aprender renúncia. A própria vida a ensina. E o meio simples que uma pessoa tem para aprender uma lição no caminho da renúncia é o seguinte: No caso em que para ganharmos uma moeda de prata, tivemos de perder algumas de cobre, devemos aprender a perdê-las. Esta é a única falta de egoísmo que se deve aprender: que não se pode ter ambos, o cobre e a prata.

Em hindú, há um provérbio que diz: "Aquele que procura honra morre por um nome; aquele que procura fortuna morre por uma moeda". Para o homem que aprecia a moeda, o nome não é dada; para o que aprecia o nome, nada vale o dinheiro.

Assim, uma pessoa não pode compreender a atitude de outra, sinão vestindo a sua capa e apreciando a vida do seu ponto de vista. Não há nada estimavel, exceto aquilo a que nós damos valor na vida; e o homem justifica-se inteiramente quando renúncia tudo que tem, ou que lhe possam oferecer, por amor daquilo a que ele dá va-

lor, mesmo que seja só por este momento que ele o aprecie; pois que nunca haverá uma coisa que ele sempre estima da mesma forma.

Ai! faze o mais que puderes, agora,
Antes que à cinza desçamos também,
Para jazer em cinza e sob a cinza,
Sem vinho e sem canção, mudos, no além.

Omar Khayyam.

IX

Da Natureza da Renúncia

De um ponto de vista prático, a vida é semelhante a uma viagem do estado imanifesto para o estado manifesto, do ser. e da manifestação voltando outra vez para o estado imanifesto, ou perfeito, do ser. Encarnada no homem, tem a vida o mais completo privilégio de saber acerca da viagem, e dirigir, até certo ponto, os negócios concernentes à viagem, de fazer confortavel esta viagem, e ao destino chegar no tempo desejado. O místico trata de fazer uso deste privilégio; e toda a sabedoria espiritual ensina a maneira pela qual deve esta viagem ser feita.

Como o homem vem do imanifesto, evidente é que ele vem só — ninguém com

ele, e sem coisa alguma. Depois de aqui chegar, começa ele a possuir objetos, bens, propriedades, e até seres vivos. Pelo simples fato de ter vindo só, sem coisa alguma, precisa de estar só, no fim, para chegar ao seu destino. E uma vez que o homem tem possuído coisas da terra, não deseja separar-se delas; ao contrário, deseja carregar o peso de tudo que ele possui, nesta viagem; o que o esmaga, e naturalmente torna incomfortavel a mesma viagem. Como, na verdade, nenhuma dessas coisas e de tais seres lhe pertence, todos, em seu tempo, hão de cair; e fica ele solitário, contra seu desejo. E somente renunciando voluntariamente é que pode o homem livrar-se desta carga, no caminho.

Não é necessário que seja essa renúncia praticada pela indiferença para com os amigos. Não; uma pessoa pode amar seus amigos e servi-los, e no entanto ser desprendido. Esta é a lição que nos ensinou Christo quando disse: "Dai a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus". Renun-

ciam aqueles que apanham as coisas do mundo, mas ao mundo as restituem. Aquelles, porém, que não sabem renunciar, apanham as coisas do mundo, e as guardam para si. O amor é uma bênção, mas se converte em maldição, quando se torna um apêgo; a admiração é uma bênção, mas se converte em maldição quando a pessoa tenta apoderar-se da beleza para si mesma. Logo, o caminho daqueles que renunciam é conhecer todas as coisas, admirá-las, apoderar-se delas, mas dar todas as coisas, tendo em mente que nada lhe pertence, e que não é dono de nada. É este o espírito que libertará o homem dos laços terrenos, os quais mantêm o genero humano, geralmente, no cativeiro, através de toda a vida.

X

Da Vitória final

A vitória final, para cada alma, na batalha da vida, se dá quando ela tem chegado ao abandono, quer dizer, quando se tem elevado acima daquilo que mais apreciava dantes. Poisque o valor de cada coisa só existe para o homem enquanto ele não a compreende. Quando ele a tiver compreendido plenamente, desaparece o valor da coisa, seja ela a mais baixa, ou a mais alta. É como si olhassemos para o cenário no palco e o tomássemos por um palácio. Assim acontece com todas as coisas do mundo: parecem importantes ou preciosas quando precisamos delas, ou quando não as compreendemos; mas logo que se levante o

vêu que impede o homem as compreenda, então se reduzem a nada.

Não nos surpreendamos, portanto, com a renúncia dos sábios. Toda pessoa, talvez, no caminho espiritual, deva passar pela renúncia. Verdadeiramente a renúncia não está em deitarem-se coisas fora, ou dos amigos nos desarticularmos, nós mesmos; não está em tomarem-se as coisas tão seriamente ao peito como e tomam por falta de compreensão. Nem o louvor nem a reprovção têm valor; nem a dor nem o prazer têm importância. A elevação e o abatimento são consequências naturais, como o amor e o ódio; que importa seja esta ou aquela coisa? Isso importa enquanto não compreendemos. A renúncia é, sem dúvida, uma taça de veneno, e o bravo a beberá; mas, ao esgotá-la, só achará este que é um néctar, e esta bravura trará para ele a vitória final!

Aqueles que desejarem especiais informes sobre o Movimento Sufi fundado por INAYAT KHAN podem se dirigir a

SHABAZ C. BEST

Rua Julio Ottoni, 579

Santa Teresa

Rio de Janeiro

BORSOI — Imprenta.
Senado, 267/269

O livro brasileiro, bom e barato

ALGUMAS EDIÇÕES BRASÍLICAS

- MATO GROSSO por Virgílio Corrêa Filho — Alentado vol. com ilustrações. Preço br. 10\$000.
- VAE SOLI por José Soares Dutra. Ensaio de novela. Preço br. 5\$000.
- VIDA por Mario Martins. Crônicas e estudos biográficos. Preço br. 5\$000.
- OLAVO BILAC por Melo Nóbrega. Prêmio da Academia de Letras. Preço br. 6\$000.
- A PAZ PERPÉTUA, célebre obra de Emmanuel Kant, tradução do prof. Rafael Benaion. Preço br. 3\$500.
- O CAMINHO DA PAZ, pelo prof. João Cabral. Cartilha da atualidade. A esgotar-se o 3.º milheiro. Preço br. 3\$000.
- TONIO BORJA por Cordeiro de Andrade. Romance regional e psicológico. Preço br. 8\$000.
- IDADE MÉDIA, A CAVALARIA E AS CRUZADAS por Ivan Lins. O maior livro, no gênero, da atualidade. Quasi esgotado. Preço br. 20\$000. (Somos também distribuidores de todos os livros do Dr. Ivan Lins).
- O DUPLO de Otto Rank, 2.ª ed., revista pelo prof. João Cabral. Preço br. 5\$000.
- A PRONÚNCIA BRASILEIRA pelo prof. Candido Jucá (filho). Curiosíssimo estudo de prosódia comparada. Preço, brochado 10\$000.
- O HOMICÍDIO POR COMPAIXÃO por Eros de Moura. Prêmio do Inst. da Ord. dos Advogados Brasileiros. Preço brochado, 6\$000.
- O QUINHÃO DA MULHER por Leão Tolstoi. Tradução esmerada, pelo prof. João Cabral. Preço br. 6\$000.
- CULTURA DE FICHÁRIO, por Joaquim Pimenta. Sociologia, Crítica e Doutrina. Grande sucesso. A esgotar-se. Preço, brochado 10\$000.
- COOPERATIVAS ESCOLARES, por Fábio Luz Filho, 2.ª ed., muito melhorada, atualizada e com ilustrações. Quasi esgotado. Preço, br. 10\$000.
- CAMINHOS DA VIDA E DA MORTE, poemas, por Martins Napoleão. Preço br. 6\$000.

Pedidos à

COEDITORA BRASÍLICA

(Cooperativa)

RUA 13 DE MAIO, 44-A, S. 1604 — TEL. 42-3112

RIO DE JANEIRO

BORSOI — imprimiu.

Senado, 267/269